

TEMPO E HISTÓRIA: O CURSO NORMAL DO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO/SC - DÉCADA DE 1960

Karin Sewald Vieira¹

PPGE/UDESC

E-mail: ksv27@terra.com.br

Palavras-chave: Curso normal. Instituto Estadual de Educação. Modelos culturais e pedagógicos.

1. INTRODUÇÃO

O Instituto Estadual de Educação (IEE) se consolidou, ao longo de sua história, como um dos mais importantes *locus* de formação de professores do Estado de Santa Catarina. Sua constituição remonta à Escola Normal Catarinense nas últimas décadas do século XIX, gestada com o advento da República², sendo seus ideais vinculados aos princípios de nacionalização, progresso e civilização. Essa instituição, localizada na cidade de Florianópolis, acompanhou as mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais em períodos distintos do país. Assim, a Escola Normal foi se constituindo de diferentes modos e com diferentes denominações oficiais³ ao longo do tempo.

Santa Catarina, na esteira das reformas educacionais realizadas em São Paulo, principalmente, buscou empreender mudanças no ensino catarinense, considerado anacrônico e atrasado por seus dirigentes. No início do século XX, entre 1911 a 1919, a Escola Normal Catarinense foi reformada por Orestes Guimarães, paulista convidado pelo governador Vidal Ramos para tal empreendimento (TEIVE, 2008). O reformador empreendeu uma série de ações para instaurar uma cultura escolar baseada nos princípios da Pedagogia Moderna, ou seja, nos preceitos do método intuitivo ou lições de coisas “[...] considerado símbolo maior da modernidade pedagógica.” (TEIVE, 2008, p. 149).

Outro importante momento dessa instituição pode ser situado a partir do ano de 1935, quando as escolas normais catarinenses são transformadas em Institutos de Educação, por

meio da Reforma Trindade. O crescente processo de “cientificização” do campo pedagógico brasileiro fomentou o debate sobre os fundamentos científicos necessários para a formação de professores catarinenses (DANIEL, 2005). Assim sendo, as novas concepções sobre a formação de professores, baseadas nos princípios da Escola Nova, impulsionaram outras reformas até meados de 1940 (DALLABRIDA, 2012; DANIEL, 2005).

Na década de 1960 o IEE passa por transformações significativas como a criação da Escola de Aplicação, expansão do secundário e a conseqüente ampliação do espaço físico, mantendo o curso normal para a formação de professores primários. Assim, no referido período, acompanhando o processo de modernização do país e da cidade de Florianópolis, o curso normal do IEE passou por mudanças significativas, em função da ampliação de seus espaços e de uma demanda maior de estudantes.

Sabe-se que as décadas de 1950 até meados de 1960 foram fortemente atravessadas pelo projeto nacional desenvolvimentista, expresso pelo plano de modernização do Brasil⁴. Segundo Saviani (2007) em 1964, após o golpe militar, há um redimensionamento dessa política desenvolvimentista, substituída por uma doutrina de interdependência⁵. A escola assumiu papel relevante no processo de modernização, estando vinculada à necessidade de formar mão de obra para o mercado de trabalho, ou seja, recursos humanos para a industrialização.

De acordo com o que foi discutido, é possível identificar que em diferentes tempos o curso normal do IEE se apropriou de modelos culturais e pedagógicos que circulavam no Brasil. Tais modelos contribuíram para a construção de práticas escolares e de afirmação de uma cultura escolar própria. No entanto, essa instituição de ensino também produziu modelos que reverberaram em diversas esferas da sociedade catarinense para além do campo educacional desde a sua constituição.

O presente artigo tem por objetivo discutir o Curso Normal do IEE como produtor e propagador de modelos culturais e pedagógicos na década de 1960, na cidade de Florianópolis. Os modelos culturais e pedagógicos são tomados aqui como ferramentas de descrição e análise tal como propõe Carvalho e Pintassilgo (2011), em pesquisas desenvolvidas sobre modelo escolar de educação nas sociedades brasileira e portuguesa nos séculos XIX e XX. Esses autores, ancorados nas ideias de Certeau e Chartier, apontam para a necessidade de levar em conta as interpretações originais, realizadas nos diferentes contextos, da circulação de modelos culturais e pedagógicos (CARVALHO; PINTASSILGO, 2011, p. 9).

Para Carvalho (2011, p.188), um modelo não é dado aprioristicamente, ele é construído na pesquisa e “[...] implica em trabalhar com sistemas de relações, testando a pertinência descritiva e analítica desses sistemas, no diálogo com as fontes documentais.” Os seus elementos constitutivos sejam eles científicos, religiosos, pedagógicos e políticos, organizam-se numa rede de relações. Dessa forma, para a compreensão dos modelos culturais e pedagógicos do curso normal do IEE, na década de 1960, na cidade de Florianópolis, busca-se analisar alguns elementos constitutivos e as suas articulações.

Para tanto, o conjunto de fontes é formado por documentos escritos relacionados ao curso normal do IEE, com destaque para o livro *Janela do Tempo: um álbum de recordações*, escrito por Berenice Maria Sell do Vale Pereira, aluna que frequentou esse curso na década de 1960 e o livro *O Valor da Experiência: o relato de uma vida dedicado à educação*, escrito por Isabel da Silva Lins, professora de Didática e Prática de Ensino do curso normal e fundadora da Escola de Aplicação do IEE. As autoras Stephanou e Bastos (2005, p. 418) chamam atenção para a importância da distinção entre memória e história e ao mesmo tempo indicam a memória como “[...] um indício, documento, de que serve o historiador para produzir leituras do passado, do vivido, do sentido, do experimentado pelos indivíduos e daquilo que lembram e esquecem, a um só tempo.”

Como procedimento de análise, busca-se trazer elementos constitutivos dos modelos culturais e pedagógicos presentes nesses livros possibilitando discutir fragmentos de uma história dos espaços escolares, dos sujeitos e das práticas educativas. Nessa direção, o texto está organizado em duas seções: na primeira, intenta-se apresentar o novo prédio do IEE, que substitui o antigo prédio da Escola Normal Catarinense. E na segunda, objetiva-se discutir a criação da Escola de Aplicação do IEE. Cabe lembrar que a construção e inauguração do novo prédio e a criação da Escola de Aplicação aconteceram nos primeiros anos da década de 1960.

2. Instituto Estadual de Educação: “prédio novinho em folha”

“Orgulhosos por poder participar de uma escola moderna, ampla e bem estruturada, nos deslocávamos com grande desenvoltura por todo aquele território.” (PEREIRA, 2007, p. 35).

O livro *Janela do Tempo: um álbum de recordações*, escrito por Berenice Maria Sell do Vale Pereira e publicado no ano de 2007, é comemorativo aos 40 anos de formatura da turma de 1965-1967, do Curso Normal do IEE. A autora é uma ex-aluna do referido curso que se utiliza da metáfora do tempo contemplado de uma janela. Posicionada, então, dessa janela,

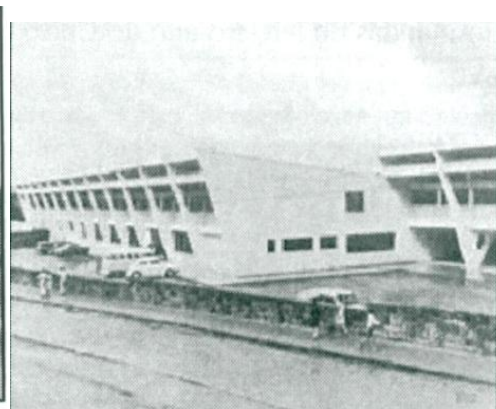
Berenice observa o passado como se fosse uma paisagem que lhe deixou lembranças, um tempo inalcançável do qual sua memória busca fragmentos. O período em análise é um momento de particular importância para o curso e, conseqüentemente, para a turma da ex-aluna. Em 1965 essa turma inicia o curso no antigo prédio da Escola Normal e, um ano depois, será transferida para a nova sede.

Acompanhando o processo de modernização do país e da cidade de Florianópolis na transição dos anos de 1950 e 1960 e em função da ampliação do Instituto Dias Velho, surge a necessidade de um novo espaço físico para tal empreendimento. Sendo assim, em uma área de 54 mil metros quadrados foi construída uma nova sede⁶ em substituição ao prédio da antiga escola normal. Registra-se que as duas edificações foram erguidas em espaços centrais e privilegiadas geograficamente na cidade de Florianópolis (Figura 1 e 2).

Figura 1 – Prédio Saldanha Marinho



Figura 2 – Prédio da Av. Mauro Ramos



Fonte: Pereira, 2007, p. 17. Fonte: Pereira, 2007, p.16.

As fotografias selecionadas do livro *Janela do Tempo: um álbum de recordações* (Figura 1 e 2) permitem olhar a monumentalidade dos espaços arquitetônicos dos dois prédios, situados em tempos históricos distintos. A primeira fotografia (Figura 1) registra o prédio construído no governo Hercílio Luz, em 1924, na Rua Saldanha Marinho, que abrigou a Escola Normal Catarinense⁷. A construção do prédio está relacionada à consolidação de um projeto de formação docente no Estado de Santa Catarina, no período republicano. A segunda (Figura 2), retrata o IEE recém-construído, no início dos anos de 1960, na Av. Mauro Ramos, que pode ser considerado um ícone da nova fase de modernização da cidade.

O local escolhido para a construção do novo prédio foi o popularmente chamado Campo do Manejo, espaço anteriormente destinado para treinamentos militares. A área era delimitada pela Av. Mauro Ramos (antes R. José Veiga⁸) e faceada por outras, entre elas a

Av. Hercílio Luz (antiga Av. do Saneamento). Nos últimos anos da década de 1950, na Avenida Mauro Ramos, foram construídos espaços educacionais de grande importância para a cidade de Florianópolis. Entre eles a Escola Técnica Federal, representante da esfera federal, um grupo escolar projetado pelo arquiteto Moysés Lins e o projeto mais ambicioso, o Instituto Estadual de Educação (TEIXEIRA, 2009, p. 319). Assim, a referida avenida, no início da década de 1960, consolida-se no cenário urbano como um corredor educacional.

A emergência de um corredor educacional, no centro da cidade de Florianópolis, oferece indícios para analisar a apropriação⁹ feita pelo estado de Santa Catarina, das mudanças educacionais impulsionadas a nível federal. A ampliação da escolaridade nos diferentes níveis de ensino pode ser observada nesse empreendimento que concentrou o ensino primário, o ensino secundário, o ensino técnico-profissionalizante e também, o curso normal. O discurso sobre a importância da escola para o desenvolvimento do estado ganha, nesse momento, maior visibilidade.

Florianópolis, como capital do Estado, consolidou-se como centro político e cultural, embora sendo economicamente menos ativa que outras cidades. Nesse cenário, a constituição do corredor educacional na Av. Mauro Ramos ganhou uma proporção material e simbólica que contribuiu para as mudanças na urbanização da cidade e nas representações¹⁰ – sobre a escola e a cidade – de seus habitantes, nesse tempo. Sendo assim, a localização da edificação do IEE extrapola sua função educacional e passa a significar “[...] um vetor de qualificação da área urbana.” (TEIXEIRA, 2009, p. 319).

O prédio do IEE (Figura 2) pode ser considerado um exemplar do estilo arquitetônico “modernista”, de caráter internacionalista. As grandes fachadas e as amplas janelas de vidro, características do referido estilo arquitetônico, podem ser observadas na fotografia. Outros elementos modernistas são reconhecidos nessa obra, “[...] a predominância da horizontalidade, os pilares em V, amplos pátios internos, rampas, janelas horizontais e grandes superfícies envidraçadas.” (GONÇALVES, 2012, p. 51). O edifício, com mais de 20 mil metros quadrados, é composto por alas interligadas por corredores internos e externos, rampas, passarelas e pátios abertos. De acordo com Teixeira (2009, p. 317) sua lógica compositiva é similar a do Museu de Arte Moderna (1958), projetada por Affonso Eduardo Reidy, no Rio de Janeiro.

Outros indicativos sugerem que o prédio do IEE pode ser associado ao Movimento Moderno e, mais especificamente, Arquitetura Moderna Carioca – a chamada “escola carioca” modernista –, como por exemplo, o nome dos arquitetos responsáveis pelo projeto¹¹: Flávio de Aquino (1919 – 1987), arquiteto e crítico de arte catarinense, que trabalhou no escritório

de Oscar Niemayer, no Rio de Janeiro e Olavo Reidig de Campos (1906 – 1984), arquiteto carioca, responsável por importantes obras no Brasil e em outros países.

A iniciativa da construção para a nova sede do IEE é atribuída ao governador Jorge Lacerda (1956-1958). Sua inauguração foi anunciada nos principais jornais da cidade como um “grande acontecimento”, no dia 05/04/1963, com a presença do Governador Celso Ramos (1961-1966), do Secretário da Educação e Cultura, o Prof. Elpídio Barbosa e demais autoridades. Na cerimônia, o curso normal foi representado pela aluna Maria Vilma Campos. Em seu discurso, a normalista destacou que a obra era uma “[...] velha aspiração acalentada há anos, hoje uma realidade, graças à figura eminente do Governador Celso Ramos [...]”. E, também, lembrou a tradição da família Ramos em colocar o ensino como uma das principais metas administrativas de seus governos, fazendo referência aos governadores Vidal Ramos (1910-1914) e Nerêu Ramos (1935-1945) (O ESTADO, 07/04/1963).

3. Escola de Aplicação: “uma escola laboratório”

“Era confortante observar tantos alunos do Curso Normal, semanalmente, planejando e ministrando suas aulas no exercício de uma profissão tão grandiosa. [...] Ao observá-los, eu dizia: Conseguimos nosso laboratório!”
(LINS, 2002, p. 51).

O livro *O Valor da Experiência: o relato de uma vida dedicada à educação*, escrito por Isabel da Silva Lins, publicado em 2002, tem por objetivo apresentar a trajetória profissional entrelaçada à trajetória pessoal da autora. Formada no Curso Normal, do Instituto de Educação em Florianópolis, no ano de 1945¹², iniciou sua carreira como professora primária de grupo escolares do interior do Estado e da capital. No início da década de 1960 retornou ao IEE como professora de Didática e Prática de Ensino, no curso normal; quando em 1962 recebeu o convite para empreender aquele que seria seu maior desafio como educadora: a criação da Escola de Aplicação (EDA).

Criada com o nome de Escola Primária de Aplicação e como parte integrante do Instituto de Educação Dias Velho, de Florianópolis, por meio do decreto n.1.250, de 9 de abril de 1962, tinha como objetivo servir como laboratório à prática de ensino do curso normal. Sua finalidade, sem prejuízo das atividades educativas normais, era oportunizar um espaço de experimentação pedagógica e de pesquisa. Anterior a criação da EDA, cabe lembrar, que o Grupo Escolar Modelo Dias Velho¹³, exercia a função de escola modelar para o curso normal. De acordo com o art. 8º do referido decreto “O atual Grupo Escolar Modelo ‘Dias Velho’ terá

as características dos Grupos Escolares comuns e passa a denominar-se Grupo Escolar ‘Barreiros Filho’.” (SANTA CATARINA, 1962).

Isabel da Silva Lins (2002), diretora da escola de 1962 a 1984, relata que as atividades de implantação da EDA foram iniciadas logo após a publicação do decreto de criação, no ano de 1962. Os alunos foram selecionados entre as matrículas excedentes de outras escolas da capital. A aceitação da escola pela comunidade já se fazia notar nos primeiros anos de seu funcionamento. Assim foi instituída a prática de sorteio de vagas como confirma Lins (2002, p. 44) “[...] era grande a procura, mas tínhamos que conservar o limite de turmas e de alunos; daí a prática do sorteio de vagas.”

A instalação da escola se deu, de forma provisória, na única parte pronta da construção do prédio da Av. Mauro Ramos. No período matutino três turmas do curso normal ocupavam as salas e as turmas do primário no período vespertino. Assim, esses foram os primeiros alunos a respirarem os novos ares de modernidade do IEE, no início da década de 1960. O mobiliário e demais materiais pedagógicos foram organizados de forma improvisada. Segundo Lins (2002, p. 44) “como não havia móveis nas salas, improvisamos com cadeiras do salão; o aluno escrevia no lado direito da cadeira. Para a primeira série vieram as mesas e as cadeiras do outro prédio [...]” Em 1966, a escola ocupou seu espaço definitivo¹⁴ próximo à Av. Hercílio Luz.

Os critérios para a escolha de professores estavam especificados no decreto de criação da escola:

Art. 3º - Os professores da Escola Primária de Aplicação Dias Velho serão escolhidos dentre os ocupantes da carreira de Professor Normalista, do Quadro Especial de Magistério, que se tenham distinguido em sua vida funcional e serão lotados, em caráter efetivo, no educandário, desde que preencham, pelo menos, os seguintes requisitos:

- a) Contarem no mínimo, cinco anos de exercício no magistério primário como normalistas;
- b) Terem revelado, durante o seu exercício no magistério primário, vocação pedagógica e acentuado gosto pela pesquisa e pelo estudo;
- c) Serem portadores de certificados de cursos oficiais de aperfeiçoamento ou de extensão (SANTA CATARINA, 1962).

E, também, o referido decreto indicava como competência do professor a colaboração com os professores do curso normal e com os alunos mestres nas aulas de Prática de Ensino (SANTA CATARINA, 1962). No entanto, esses preceitos dificultavam a contratação de professores que “achavam que o trabalho era complexo demais: além de orientarem os alunos, teriam a responsabilidade na formação de novos educadores, o que era em trabalho duplo.”

(LINS, 2002, p. 43). Para minimizar tal situação, a direção da escola convidava as alunas do curso normal, que se destacavam nas aulas de Prática de Ensino, para comporem a equipe da escola como professoras ou como funcionárias. A formanda da turma de 1963, Eneuzza Tavares de Andrade¹⁵, pode ser considerada um exemplo dessa prática instituída na EDA. Em depoimento, apresentado no livro de memórias de dona Isabel, como era respeitosamente era chamada, a ex-aluna conta:

Em setembro, fomos surpreendidas pelo convite feito por dona Isabel para assumirmos a regência da primeira série daquela escola, em substituição à professora Rosina de Mello, que se afastava em licença maternidade. Era prova de que dona Isabel, com todo seu saber, dirigindo uma escola onde o corpo docente era integrado apenas por professores com larga experiência na educação, confiava no jovem (ANDRADE apud LINS, 2002, p. 112).

A fotografia abaixo, selecionada do livro *O Valor da Experiência: o relato de uma vida dedicado à educação* (Figura 3) apresenta a professora Isabel Lins com as alunas mestras na rampa próxima a ala do curso normal. Como professora de Didática e Prática de Ensino do curso normal e diretora da EDA, Isabel Lins atuou como mediadora dessa relação – curso normal e escola de aplicação – elegendo essa integração prioridade de sua gestão.

Figura 3 – Prof^a Isabel Lins e normalistas



Fonte: LINS, 2002, p.41.

Como escola laboratório, em substituição à escola modelo, a EDA pode ser analisada também como espaço de experimentação de práticas inovadoras. É possível perceber indícios, – como sugere o próprio título do livro de Isabel *O Valor da Experiência* – da aproximação das práticas escolares da EDA ao ideário escolanovista, em voga no Brasil, desde a década de 1920¹⁶. Nas palavras da autora “[...] a Escola tinha algo diferente para apresentar. Era a educação da vida para a vida¹⁷. Esse modelo fugia, em certos aspectos, da escola

tradicionalista.” (LINS, 2002, p. 43). Cabe recordar que, na década de 1930, os grupos modelos anexos às escolas normais são convertidos em escolas de aplicação (MONARCHA, 1999). Tais escolas, “de inspiração escolanovista, mantiveram a vocação de funcionar como laboratórios para a experimentação [...]” de práticas pedagógicas (EVANGELISTA, 2003, p. 52).

Na EDA, a escolha de métodos de ensino dependia de estudos e discussões realizadas em reuniões com toda equipe. De acordo com Lins (2002, p.49), depois de alguns anos de estudo “resolvemos experimentar o método dos ‘Centro de Interesses’ de Decroly, cujos princípios pedagógicos vinham bem ao encontro de nossa linha de ação.” A participação ativa do aluno era incentivada por meio de pesquisas orientadas e “nada era decorado” (LINS, 2002, p. 50). O que permite associar, também, a concepção da EDA ao ideário escolanovista tendo em vista que os estudos de Decroly eram referências do movimento da Escola Nova.

De modo geral, o início dos anos de 1960 foi um período de intensa experimentação pedagógica, com a predominância da concepção da pedagogia renovada (SAVIANI, 2007, p. 333). Assim é possível justificar, provavelmente, as escolhas de concepção e método na EDA, nesse período. Contudo, Saviani (2007) indica o período como apogeu e crise da pedagogia nova, dando lugar à concepção tecnicista do ensino. A configuração da concepção tecnicista, no Brasil, está diretamente associada à ideologia política do regime militar. Maria de Lourdes Battisti Archer, que assumiu a direção do curso normal, em 1969, relata que “vivíamos um tempo difícil da história do Brasil [...] Estávamos preocupados com um fazer pedagógico comprometido com uma sociedade que queríamos plenamente livre e democrática, mas não foi fácil.” (ARCHER apud LINS, 2002, p. 115).

4. Algumas considerações

O projeto de formação de professores em Santa Catarina assume diferentes contornos ao longo da história da educação catarinense. A cada tempo histórico, novas reformas são implementadas e novos modelos culturais e pedagógicos vão constituindo um conjunto de práticas, saberes e normas para forjar uma cultura escolar específica. No IEE de Florianópolis, desde sua criação como Escola Normal, foram apropriados modelos culturais e pedagógicos que estavam em circulação no Brasil.

Entender o curso normal como produtor e propagador de modelos culturais e pedagógicos, em Florianópolis, na década de 1960, pressupõe a articulação de vários elementos. Os exemplos selecionados para esse artigo, o prédio da Av. Mauros e a criação da

Escola de Aplicação, permitem considerar que provavelmente emergiu nesse tempo um *novo* modelo cultural e pedagógico no curso normal do IEE que teve ressonância na cidade de Florianópolis.

A compreensão dos modelos culturais e pedagógicos de diferentes tempos de um projeto de governo ou de uma instituição, por exemplo, permite evidenciar traços que ora oferecem indícios de continuidades, ora de descontinuidades. Assim, é preciso levar em conta que toda reforma educacional carrega consigo marcas de um tempo, de um espaço e, ao mesmo tempo expectativas e intenções. Esse movimento de mudança deve ser levado em consideração para a análise dos modelos culturais e pedagógicos apropriados no tempo e na história.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. M. C. de; PINTASSILGO, J. (Orgs.). *Modelos Culturais, Saberes Pedagógicos, Instituições Educacionais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2011.

CARVALHO, M. M. *Pedagogia Moderna, Pedagogia da Escola Nova e Modelo Escolar Paulista*. In: CARVALHO, M. M. C. de; PINTASSILGO, J. (Orgs.). *Modelos Culturais, Saberes Pedagógicos, Instituições Educacionais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2011.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988. (Coleção Memória e Sociedade)

DALLABRIDA, N. Usos sociais da cultura escolar prescrita no ensino secundário. *Revista brasileira de história da educação*, Campinas-SP, v. 12, n. 1, 2012 p. 167-192.

DANIEL, L. S. Contribuições teóricas do intelectual João Roberto Moreira para a formação dos professores catarinenses: a defesa pela integração da Psicologia e da Sociologia nos estudos científicos educacionais (anos 1930 e 1940). In: LAFFIN, M. H. L. F.; RAUPP, M. D.; DURLI, Z. (Orgs.). *Professores para a Escola Catarinense: contribuições teóricas e processos de formação*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. p. 67-85.

DEWEY, J. *Vida e Educação*. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

EVANGELISTA, O. Colégio de Aplicação na encruzilhada. In: COSTA, F. C. B; BIANCHETTI, L.; EVANGELISTA, O (Orgs.). *Escola Viva: a construção do projeto político-pedagógico do Colégio de Aplicação da UFSC*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003.

FIORI, N. A. *Aspectos da Evolução do Ensino Público: ensino público e política de assimilação cultural no estado de Santa Catarina*. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991.

GONÇALVES, R. de C. A arquitetura como dimensão material das culturas escolares. In: SILVA, V. L. G. da; PETRY, M. G. (Orgs.). *Objetos da Escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar* (Santa Catarina – Séculos XIX e XXI). Florianópolis: Insular, 2012.

LINS, I. da S. *O Valor da Experiência: o relato de uma vida dedicado à Educação*. Florianópolis: edição do autor, 2002.

MONARCHA, C. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1999.

O ESTADO, Florianópolis, 7 de abril 1963, p. 8.

PEREIRA, B. M. S. do V. *Janela do Tempo: um álbum de recordações*. Florianópolis: Edição da autora, 2007.

SANTA CATARINA. Decreto n. 306, de 2 de março de 1939. *Diário Oficial do Estado de Santa Catarina*. Florianópolis, 02/03/1939, p. 2-3.

_____. Decreto n. 1.250, de 9 de abril de 1962. *Diário Oficial do Estado de Santa Catarina*. Florianópolis, 25/4/1962, n. 7.036, p.1.

SAVIANI, D. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.

SCHAFFRATH, M. dos A. S. *A Escola Normal Catharinense de 1892: profissão e ornamento*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (Dissertação de Mestrado). 1999.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. História, memória e história da educação. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Vol. III – Século XX*. Petrópolis. Vozes, 2005.

TEIVE, M. G. *“Uma vez normalista, sempre normalista”*: cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense – 1911/1935). Florianópolis: Insular, 2008.

TEIXEIRA, L. E. F. *Arquitetura e cidade: a modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina – 1930-1960*. Tese de doutorado. São Carlos, USP, 2009.

VEIGA, E. V. da. *Florianópolis: memória urbana*. 3. ed. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010.

¹ Este artigo é fruto das pesquisas, em andamento, para a elaboração da dissertação de mestrado, que tem como objeto o Curso Normal do IEE – década de 1960, junto ao PPGE/UDESC, sob a orientação da Professora Dr^a Maria Teresa Santos Cunha.

² Segundo Schaffrath (1999) a Escola Normal Catarinense, criada em 1892, foi constituída como uma escola modelo das sociedades burguesas que desejavam formar os cidadãos civilizados sob a orientação do Estado.

³ Escola Normal Catarinense (1892); Instituto de Educação de Florianópolis (1935); Instituto de Educação Dias Velho (1947); Instituto de Educação e Colégio Estadual Dias Velho (1949); Instituto Estadual de Educação Dias Velho (1963); Instituto Estadual de Educação (1966).

⁴ O Plano de Metas, implementado no governo de Juscelino Kubitschek, era composto de metas distribuídas em cinco grandes áreas: energia, transportes, alimentação, indústrias de base e educação.

⁵ Conforme Saviani (2007), nessa época o Brasil estava em meio a um contexto em que as grandes potências deveriam posicionar-se ao lado do bloco ocidental, visto que, esta concepção predominante justificava a dependência do país em relação aos Estados Unidos. Essa posição favorece a interferência dos EUA no Brasil, culminando com o Golpe Militar e posteriormente com o período da ditadura militar.

⁶ Atualmente, fevereiro de 2013, o IEE ocupa a mesma área.

⁷ Desde 2008 este prédio abriga o Museu da Escola Catarinense - UDESC.

⁸ A avenida recebeu o nome de José Veiga, abolicionista e republicano, em 1885, ano em que este doou parte de sua chácara para ampliar esse logradouro. Após 1930, no mandato de Mauro Ramos na Prefeitura de Florianópolis, a parte terminal da avenida foi concluída. (VEIGA, 2010, p. 319).

⁹ O conceito de apropriação pressupõe que a recepção de bens culturais se dá de forma singular e inventiva por meio de ressignificações (CHARTIER, 1988).

¹⁰ De acordo com Chartier (1988, p. 17) a representação é entendida como “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras, pela linguagem, graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”. Para esse autor as representações “[...] são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam” (CHARTIER, 1988, p. 17).

¹¹ Segundo Teixeira (2009, p. 317) o projeto do IEE foi concebido por Flavio de Aquino. No entanto, foram localizadas plantas arquitetônicas assinadas pelos dois arquitetos citados.

¹² Na década de 1940, o curso normal do IEE foi importante espaço de fomentação, discussão e divulgação das principais ideias educacionais presentes na realidade educacional. João Roberto Moreira, intelectual catarinense participante do Movimento da Escola Nova, foi professor e diretor do IEE, nesse período. Criou a revista Estudos Educacionais, publicada de 1941 a 1946 (DANIEL, 2005).

¹³ O Grupo Escolar Dias Velho foi incorporado ao Instituto de Educação de Florianópolis, como curso primário, no ano de 1939, por meio do decreto n. 306 de 2 de março de 1939 (SANTA CATARINA, 1939). Vale dizer que a professora Isabel Lins, aluna do Curso Normal do IEE (1943-1945), realizou seu estágio nesse grupo escolar (LINS, 2002, p. 20).

¹⁴ Atualmente a EDA ocupa o mesmo espaço.

¹⁵ Eneuzza Tavares de Andrade prestou concurso público em 1964, assumiu uma terceira série na EDA e logo se tornou auxiliar da direção, com 17 anos de idade. Ao concluir o ensino superior assumiu a orientação pedagógica da escola (LINS, 2002).

¹⁶ O movimento da Escola Nova, no Brasil, envolveu intelectuais e educadores de vanguarda e tinha por objetivo implantar, na área educacional, reformas inspiradas em ideias e princípios renovadores para o sistema educacional. Em Santa Catarina a Escola Nova foi instituída por meio do decreto n. 2.991 de 28 de abril de 1944 (FIORI, 1991, p. 126).

¹⁷ Para Dewey a educação é um processo de reconstrução e reorganização da experiência, ou seja, a educação é fenômeno direto da vida. Nesse sentido a escola é vista como um lugar de vida e não como espaço de preparação para a vida. (DEWEY, 1978).